

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PERSPECTIVA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO MEDIADORA NO PROCESSO DE INTERAÇÃO

THE CHALLENGES OF INCLUSION OF CHILDREN IN AUXILIARY EDUCATION: THE PERSPECTIVE OF STORY CONTACTING AS A MEDIATION OF INTERACTION PROCESS

Gabrielli de Souza Padilha¹
gabriellisouza648@gmail.com
Luiza Liene Bressan da Costa²
luiza.bressan@unibave.net
Rosani H. Duarte³
rosani@unibave.net

RESUMO:

O presente estudo aborda a questão da Contação de Histórias e como esta pode contribuir na inclusão de um aluno autista na Educação Infantil. Construímos, assim, um referencial teórico a partir dos conceitos da contação de história, da literatura, do autismo e da inclusão escolar e como estes conceitos se desenvolvem e se aprimoram ao longo do tempo. O objetivo desta pesquisa é analisar como a Contação de Histórias pode ser uma estratégia importante na interação de um aluno com autismo e compreender os processos que podem ser desenvolvidos com crianças autistas. Para a realização deste artigo, adotou-se uma pesquisa geral, de cunho qualitativo, exploratória e com estudo de caso. Além do referencial teórico, a pesquisa foi realizada com o estudo de caso de um aluno com autismo, inserido na Educação Infantil em uma escola da rede municipal de ensino da região da AMREC. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista estruturada que foi realizada com um professor que já atendeu este aluno, o atual professor, o professor auxiliar (ou segundo professor) e os pais/responsáveis do aluno autista. Espera-se com este estudo responder à questão norteadora da pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética do Unibave sob o parecer de número 3.644.989.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de Histórias. Literatura. Autismo. Inclusão.

ABSTRACT:

The present study addresses questions about the storytelling question and how it may favor the inclusion of an autistic student in early childhood education. Thus, we built a theoretical framework based on the concepts of storytelling, literature, autism and school inclusion and how these concepts developed and improved over time. The aim of this research is to analyze

¹ Pedagoga. Professora na rede municipal de ensino. E-mail: gabriellisouza648@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Linguagem. Professora do Centro Universitário Barriga Verde- Unibave- Orleans-SC. E-mail: luiza.bressan@unibave.net.

³ Mestre em Educação. Professora do Centro Universitário Barriga Verde- Unibave- Orleans-SC. E-mail: rosani@unibave.net.

how Storytelling can be an important tool in the interaction of an autistic student and to understand the processes that can be developed with autistic children. For this article, we adopted a general research, qualitative, exploratory and case study. In addition to the theoretical framework, the research was conducted with a case study of an autistic student, inserted in early childhood education in a school of the municipal school system in the region of AMREC. Data collection took place through a structured interview that was conducted with a teacher who has already attended this student, the current teacher and the parents / guardians of the autistic student. This study is expected to answer the guiding question of the research.

KEYWORDS: Storytelling. Literature. Autism. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O autismo atualmente é classificado como Transtorno de Neurodesenvolvimento, e definido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), distúrbios do desenvolvimento neurológico que estão presentes desde a infância, dessa forma, crianças com TEA, possuem dificuldades, principalmente, na socialização e na comunicação. (SCHMIDT, 2013).

Os primeiros estudos sobre autismo iniciaram na década de 40, pelo psiquiatra austríaco Léo Kanner, que se dedicou a pesquisar sobre crianças que apresentavam comportamentos diferentes das outras pessoas, e que possuíam dificuldades nas relações interpessoais. Com isso, Kanner foi o primeiro a publicar uma pesquisa realizada com onze crianças com autismo considerado severo, onde suas características eram a incapacidade de estabelecer relações com outras pessoas, atrasos na linguagem e dificuldade na comunicação, resistência em mudanças no ambiente, e tendência de repetição em movimentos, porém, estes, apresentavam também aparência muito agradável e inteligência, além de possuírem habilidades especiais e uma ótima memória. (ORRÚ, 2012).

As características principais do Autismo, segundo Chiote (2013) são o isolamento e dificuldade nas interações sociais, a resistência a mudanças em sua rotina, apego a um objeto específico e dificuldade na aquisição da fala. Normalmente uma criança que possui TEA não fala ou apresenta atraso, mas em alguns casos consegue desenvolver a fala com o decorrer do tempo.

Essas características podem favorecer o isolamento da criança com TEA, fazendo assim com que suas habilidades não sejam desenvolvidas, e nesse sentido a escola é um recurso fundamental para o desenvolvimento e inclusão da criança autista, contribuindo para novos aprendizados e experiências sociais. (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013).

A inclusão escolar proporciona as crianças com autismo novas experiências, contato com outras pessoas e novos ambientes, que podem trazer aprendizagens significativas para estes alunos, mas vale lembrar que inclusão vai além de colocar um aluno autista em uma sala regular, a escola deve investir em suas habilidades, propondo novos conhecimentos e aprendizagens. (CHIOTE, 2013).

Para que a inclusão traga resultados significativos o professor deve planejar e desenvolver práticas pedagógicas que incluam o aluno autista em sala de aula. (SERRA; NUNES, 2004). Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral abordar como a contação de histórias pode ser uma estratégia na inclusão do aluno autista, tendo em vista que a mesma vem de geração para geração, nunca perdendo sua importância, pois é por meio dela que os leitores podem manter vivos seus sonhos, esperanças e criatividade. Sendo assim, a leitura deve se fazer presente por meio de diferentes suportes das tecnologias da informação servindo como instrumentos mediadores do processo de inclusão de pessoas com deficiência. A criança autista entende e enxerga o mundo ao seu redor de uma maneira diferente, e a contação de histórias pode ajudá-la a entender o seu mundo, chamar sua atenção e aproximá-la desse mundo imaginário. (OLIVEIRA; MELLO; SOARES; TOIGO, 2017).

E para melhor detalhar a pesquisa, desdobramos o objetivo geral em outros objetivos mais específicos, a saber, a definir inclusão e autismo; analisar as interações proporcionadas pela contação de histórias na criança autista e compreender os processos de interação que podem ser desenvolvidos com crianças autistas.

Após a obrigatoriedade da inclusão prevista na Lei nº13.146/2015, a presença de alunos com algum tipo de deficiência no ensino regular deu visibilidade àqueles que durante longo período viveram à sombra, estigmatizados pelo preconceito.

Vale lembrar que a família tem um papel importante para que a inclusão ocorra, é de tamanha importância que a família aceite que seu filho necessita de apoio de profissionais para que possa se desenvolver melhor. A presença de alunos com síndromes tornou-se uma realidade a partir dos anos de 1990 e a escola e os docentes precisaram se adaptar a essa realidade, ainda que o processo seja longo e de difícil aceitação social.

Assim, a abordagem deste tema se justifica tanto para o interesse acadêmico, como para o crescimento pessoal. O interesse pelo tema autismo se concretizou após um ano de trabalho ao lado de um aluno autista na educação infantil, o que nos motivou à pesquisa, por considerar um tema fascinante, instigador e, também, desafiante.

A partir dessa experiência, pensamos em propor a Contação de Histórias como uma ferramenta para contribuir na interação de um aluno autista, pesquisar se essa metodologia de ensino é uma ferramenta efetiva no desenvolvimento de crianças com autismo estando presente na vida escolar do aluno, contribuindo positivamente para seu desenvolvimento.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O conceito de Contação de Histórias vem se modificando ao longo do tempo, tendo em vista que durante muito tempo, antes mesmo da escrita, todo o conhecimento era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois o único recurso para o armazenamento e a transmissão dos conhecimentos para as futuras gerações seria a memória. (TORRES; TETTAMANZY, 2008).

A Literatura Infantil tomou maior proporção no final do século XIX, com grande abrangência na educação, sendo classificada como um fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem e a vida, por meio da palavra, relacionando o imaginário com o real (FILHO, 2009).

Durante muito tempo o ato de contar histórias aos alunos era visto apenas como uma maneira de entreter ou distrair as crianças, ou seja, não era visto como uma estratégia pedagógica, porém atualmente a literatura infantil e a prática de contar histórias têm sido consideradas uma ferramenta para o desenvolvimento escolar (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância da vida (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 03).

Diante disso, pode-se ressaltar que a literatura infantil pode tornar o conhecimento menos cansativo e mais lúdico, estimulando a criatividade e imaginação das crianças e, com isso, envolvendo-as durante a contação de histórias.

A criança e a literatura infantil compartilham da mesma natureza, ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras, e essas afinidades fazem com que a literatura seja a mais

poderosa aliada do professor e da criança pela vida afora, na busca da compreensão do mundo e do ser humano. (FRANTZ, 2011, p. 20).

Segundo Lippi e Fink (2012) o contato da criança com a literatura auxilia na compreensão do real, sendo que, a história, dentro de seu mundo imaginário, trata de relações e situações reais, que a criança não pode entender sozinha.

Nesse contexto, a Contação de Histórias oferece ao leitor, além do caráter estético, o caráter pedagógico, possibilitando a ele, o desdobramento de suas capacidades intelectuais, sem que para isso precise montar e desmontar palavras e decodificar símbolos. Esta aquisição de conhecimento pode dar-se através da audição, ou seja, enquanto ouve uma história, uma música, uma poesia, ou pela leitura, quando já está apto a fazê-la. (LIPPI; FINK, 2012, p. 22).

O professor deve ter o cuidado de fazer com que essas experiências de leitura sejam momentos prazerosos, de muito interesse e algo realmente gratificante para a criança, sempre utilizando do lúdico, da fantasia para que assim consiga chamar atenção do aluno durante a contação de histórias, ao mesmo tempo em que a criança possa conhecer e explorar a sua realidade, para construir seus conhecimentos. Caso o professor queira prolongar este momento de leitura, poderá propor atividades lúdico-artísticas afinadas com o texto literário infantil, assim envolvendo o lúdico com a realidade nas atividades realizadas. (FRANTZ, 2011).

O ato de contar histórias pode ser um grande passo para o início de discussões entre os alunos e professor e também entre os próprios alunos, assim, fortalecendo seus vínculos. Outro fator a ser destacado é a importância do ponto de partida e chegada da atividade de contar histórias, sendo que, a atividade parte da palavra escrita, desenvolvendo-se através da leitura e retornando ao texto escrito, dessa forma, o aluno consegue vivenciar as possibilidades de inserir a literatura nas suas atividades de lazer e em sua comunicação diária. (FILHO, 2009).

Sendo assim, a literatura pode levar os conhecimentos das crianças muito além, por meio da criatividade e imaginação. Esta é a principal importância do uso da literatura e da prática de contar histórias desde a educação infantil e durante toda a vida dos alunos, dentro e fora de sala de aula, proporcionando sensações e experiências fantásticas por meio da literatura.

3 AUTISMO

A palavra autismo é de origem Grega (autos) que tem como significado “voltar para si mesmo”. Este é um termo usado na psiquiatria para denominar os comportamentos de pessoas que se centralizam em si mesmos. (ÓRRU, 2012).

Léo Kanner, um psiquiatra austríaco foi o primeiro a configurar o significado do Autismo em 1943. Seu estudo inicialmente denominando o autismo como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, abordava características comportamentais específicas em indivíduos, como a dificuldade na comunicação por meio da fala, perturbações das relações afetivas com o meio, isolamento rígido de peculiar, com aspecto físico aparentemente normal, inteligência e memória excepcional. (TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008).

Orrú (2012) citando Kanner diz que este durante seus estudos revisou o seu conceito de autismo por diversas vezes, sendo que em 1949 passou a referi-lo como “Autismo Infantil Precoce”, pela dificuldade de interagir com as demais pessoas a sua volta, e pela necessidade de uma rotina estabelecida. Em 1956, insistiu na consolidação do conceito da síndrome, mas, mesmo assim sentia a necessidade de aprofundar ainda mais seus estudos. Posteriormente em 1968, Kanner observou a necessidade do diagnóstico diferencial com deficientes mentais e afásicos. E por fim em 1973, afirmou-se a pertinência da síndrome como parte das psicoses infantis.

A partir dos estudos de Kanner, muitos outros pesquisadores surgiram e aos poucos foram registrando suas ideias, e possíveis conceitos sobre a origem do autismo, advindos de suas experiências com pessoas com TEA. (ORRÚ, 2012).

Os sintomas do autismo costumam tornarem-se mais evidentes antes do terceiro ano de idade das crianças e se prolonga durante toda sua vida, e sua maioria é evidente no sexo masculino.

Aproximadamente 60 a 70% dos indivíduos com autismo funcionam na faixa do retardo mental, ainda que esse percentual esteja encolhendo em estudos mais recentes. Essa mudança provavelmente reflete uma maior percepção sobre as manifestações do autismo com alto grau de funcionamento, o que, por sua vez, parece conduzir a que um maior número de indivíduos seja diagnosticado com essa condição. (KLIN, 2006, s.p.).

Existem diversas categorias em que são classificados os graus de autismo e, vale ressaltar, que nem todo autista tem as mesmas características dos demais ou as que são ditas típicas do autismo. Podem-se subsidiar as categorias do autismo nos Traços do Autismo, com características muito leves, a Síndrome de Asperger, Autismo em pessoas com alto funcionamento, Autismo clássico, grave, com retardo mental associado. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Certas crianças com autismo desenvolvem-se normalmente, durante sua primeira infância, chegando, até mesmo, a adquirir uma linguagem funcional. Todavia, esta vai se perdendo progressivamente ou tornando-se suscetível de consequências sérias por causa da tal condição; assim, muitas delas acabam em um intenso isolamento social, envolvidas em seus rituais e estereótipos e, praticamente, sem nenhuma comunicação externa (ÓRRU, 2012, p.32).

Durante muito tempo, os indivíduos com alguma deficiência, seja ela física ou mental e incluindo o autismo, eram excluídos da sociedade, tendo em vista que, os mesmos não tinham direito a inclusão, porém, nos últimos anos estabeleceu-se uma lei na qual estas crianças têm direito à escolarização e frequentar a escolar regular como os demais alunos.

As famílias que possuem filhos com deficiência devem estar sempre presentes no processo de inclusão e é de tamanha importância que a família entenda e aceite que seu filho necessita de apoio para que possa se desenvolver cada vez mais.

A inclusão de estudantes com deficiências no ensino regular promove um ambiente rico pela diversidade social e facilitador do desenvolvimento de todas as crianças. Nas relações concretas no contexto escolar, valores como respeito e cooperação podem ser experienciados pelas crianças quando a inclusão se efetiva. (MATTOS; NUERNBERG, 2011, p. 130).

Mattos e Nuernberg (2011, p.130) ressaltam que para que a verdadeira inclusão ocorra é necessário que o ambiente escolar conte com recursos como:

[...] Ambientes bem planejados, que procuram se adequar às necessidades de todos os educandos compreendem a escola como meio fundamental à constituição dos sujeitos. Se a interação social entre as crianças é indispensável para promover o desenvolvimento, cabe à escola viabilizar as possibilidades de experiências socializadoras, permitindo às crianças desenvolverem processos psicológicos superiores.

As práticas realizadas na escola devem favorecer a criança autista, com novos modelos de ser e de se constituir, abrindo caminho para novas experiências e possibilidades de interagir com os outros e o mundo, e a mediação pedagógica deve ser intencional, ou seja, uma ação consciente de mediar e intervir (CHIOTE, 2013).

Chiote (2013) ressalta ainda que diante de uma perspectiva histórico-cultural as formas de interação entre o professor e a criança com Autismo, não podem se desvincular da dimensão afetiva que determina o pensamento e ação deles, inserindo-os no universo das necessidades e vontades. Sendo assim, as ações do professor no processo de mediação

pedagógica com a criança autista são movidas por interesses, necessidades, desejos e motivações pessoais que envolvem situações concretas de vida e relação.

Segundo Schmidt (2013) a escola promove para crianças com autismo a convivência com outras crianças da mesma faixa etária, tornando-se, assim, um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social e impedindo seu isolamento. Dessa forma, acredita-se que a convivência compartilhada de crianças autistas com as demais crianças, pode possibilitar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas sim o das demais crianças também, tendo em vista que estas convivem e aprendem com as diferenças, aprendendo a respeitar e entender o próximo, com as características únicas de cada indivíduo.

4 INCLUSÃO ESCOLAR

A história da Educação Especial começou no Brasil no século XIX, sendo que, anteriormente, pessoas com deficiências eram excluídas da sociedade sem ter seus devidos direitos como cidadão e, principalmente, de frequentar a escola. (SILVA, 2012).

A Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência entrou em vigor no ano de 2015, sendo instituída Lei nº13.146/2015, em que se dá o devido direito a pessoas com deficiências, seja ela física ou mental, de frequentar a escola regular. (BRASIL,2015, s.p.).

Dessa forma, como ensina Mantoan (2003, p.31):

Não há inclusão, quando a inserção de um aluno é condicionada a matrícula em uma escola ou classe especial. A inclusão deriva de sistemas educativos que não são recortados nas modalidades regulares e especiais, pois ambas se destinam a receber alunos aos quais impomos uma identidade, uma capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais.

Deve-se ressaltar que inclusão, não significa apenas inserir o aluno em sala de aula, mas sim, utilizar atividades e métodos que possam suprir as necessidades dos alunos, fazendo com que ele também aprenda de acordo com suas potencialidades individuais. Assim como também um ambiente preparado para receber alunos especiais, tendo toda a acessibilidade necessária. (MATTOS; NUERNBERG, 2011).

Assim como para as demais deficiências, a inclusão escolar promove às crianças autistas novas oportunidades de convivência com as demais crianças da mesma faixa etária,

tornando assim, a escola como um ambiente de aprendizagem, experiências e desenvolvimento social. (SCHMIDT, 2013).

No espaço escolar, é preciso perceber o sujeito em constituição. A aprendizagem da criança com Autismo deve ser orientada para um maior investimento nos processos de significação, ressignificar a criança para além do Autismo. Perceber as formas de interação do sujeito em toda sua singularidade, pois a significação dos gestos e das palavras. (CHIOTE, 2013, p. 46).

Segundo Schmidt (2013, p. 135), “fica claro que quando o professor consegue trabalhar seus medos, seu desconhecimento, e a escola abraça o aluno com TEA como alguém que faz parte da escola, o êxito nos processos é significativo.”

Um professor que institui e participa da caminhada escolar juntamente com seus alunos, consegue compreender melhor as dificuldades e possibilidades de cada aluno, assim, estimulando a construção do conhecimento de todos com a maior adequação. (MANTOAN, 2003).

Dessa forma, podemos perceber que para que a inclusão ocorra nas escolas, é necessário além de um ambiente que seja capaz de suprir e dar a devida acessibilidade aos alunos com deficiência, também conte com profissionais dispostos a a construir conhecimento junto às crianças com deficiências”, tendo em vista as necessidades individuais de cada aluno.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar como a Contação de Histórias pode ser uma estratégia na inclusão do aluno com autismo na Educação Infantil, a abordagem de metodologia deste artigo quanto à sua natureza classifica-se como pesquisa básica, pois se utiliza de fontes teóricas e desenvolve-se de maneira prática e também “objetiva a gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Partindo para a abordagem do problema, a pesquisa será qualitativa. Na pesquisa qualitativa considera-se um vínculo dinâmico entre sujeitos e realidade, sendo traduzido a partir de interpretações e da atribuição processual e indutivamente descritiva de significados. (RAUEN, 2015).

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.70), “na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão.”

Quanto à abordagem dos objetivos, a pesquisa pode ser compreendida como exploratória, pois envolve além do levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema a ser pesquisado. Com base em Marconi e Lakatos (2010, p. 171)

O objetivo da pesquisa exploratória é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos.

Os procedimentos se basearam em estudo de caso, que consiste na coleta e análise de determinado indivíduo, a fim de estudar questões sobre este de acordo com o que é proposto na pesquisa.

É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

A pesquisa foi realizada em uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada na Região Sul de Santa Catarina, que atende atualmente 125 alunos, distribuídos entre a educação infantil e o ensino fundamental I, contando com 16 professores. O caso estudado foi de um aluno autista e sua inclusão na Educação Infantil.

O instrumento de pesquisa foi em forma de entrevista realizada com quatro pessoas diferentes, sendo: o antigo professor (a) do aluno, ou seja, aquele que esteve com este aluno durante o ano letivo de 2018, o professor (a) atual do aluno, o segundo (a) professor atual, o qual está trabalhando com este aluno, e com os pais/responsáveis do aluno autista.

A coleta de dados foi com a gravação das entrevistas estruturadas que foram aplicadas com os participantes. Rauen (2015, p.323) define entrevista como:

Uma interação social em que se efetuam comunicações orais ou escritas configuradas como atos verbais de comunicação, sendo uma forma de interação verbal não convencional, pois a relação entrevistador e entrevistado é particular, por ser orientada por determinado fim e delimitada por uma área temática.

A entrevista pode ser entendida também como “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 94).

Para este estudo optou-se pela entrevista estruturada, também chamada de entrevista padronizada por Lakatos e Marconi (2010) e que tem como característica principal a utilização de um roteiro previamente organizado. O entrevistador não é livre para desenvolver “uma conversa” com o respondente, e sim deve seguir o roteiro sem desvios, sem alterar a ordem ou fazer perguntas que não estão incluídas no roteiro.

A entrevista foi planejada para cada um dos segmentos, respeitando aos princípios éticos que regem esse tipo de estudo e com a anuência prévia dos entrevistados.

Há alguns procedimentos importantes que foram adotados na preparação de entrevistas para a análise. O primeiro deles diz respeito à transcrição: entrevistas devem ser transcritas, logo depois de encerradas, de preferência por quem as realiza. Depois de transcrita, a entrevista deve passar pela chamada conferência de fidedignidade: ouvir a gravação, tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições, interrupções etc. Transcrever e ler cada entrevista realizada, antes de partir para a seguinte ajuda a corrigir erros, a evitar respostas induzidas e a reavaliar os rumos da investigação (ALBERTI, 1990).

Após a coleta, os dados foram transcritos e submetidos a uma análise, confrontando teoria e prática no atendimento do aluno com autismo, objetivando responder o problema de pesquisa que é discutir se a contação de história auxilia na inclusão de alunos autistas na educação infantil.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro contato da criança com a leitura é por meio do ato de ouvir histórias. Ouvir histórias é uma das mais antigas práticas de entretenimento da humanidade. Desde a antiguidade, o ato de ouvir e contar histórias, em prosa ou verso, permitiu que os povos, de geração em geração, mantivessem vivas suas histórias, feitos, esperanças e sonhos. E, quando estamos tratando de crianças com algum tipo de deficiência, o ouvir histórias é de suma importância para que se possa desenvolver aspectos como a atenção, a interação, a socialização.

Como já anunciamos, esta pesquisa tem como foco a contação de história como mediadora na inclusão de uma criança com autismo no ensino regular. Para tanto, entrevistamos quatro pessoas que lidam diretamente com a criança: a professora do pré-escolar em 2018, licenciada em Pedagogia e especialista em Educação Infantil; a professora alfabetizadora, também licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Alfabetização e Letramento de 2019 e a professora, estudante da Pedagogia cuja função é acompanhar a criança, auxiliando-a bem como acompanhando seu desenvolvimento, facilitando a interação com a turma e auxiliando a professora titular. A outra entrevista foi realizada com os pais da criança que tem autismo.

Apresentamos, aqui, a entrevista realizada com os pais e a forma pela qual buscam o desenvolvimento do filho autista. Foram oito questões abaixo transcritas e que comentaremos em seu conjunto.

a) Quando perceberam que o filho apresentava um desenvolvimento diferente?

Pais: “Mais ou menos quando ele tinha Um ano e três meses, pois, até esta idade ele falava as primeiras palavras, como (água, gato, vó), e depois disso, não falava mais nada, antes fazia gestos de músicas, dançava, e depois foi como se ele havia sumido, e não sabia fazer mais nada. Foi nessa fase que eu percebi que havia algo diferente.”

b) Quais as principais características que seu filho apresentava que os levou a pensar que havia diferenças em seu desenvolvimento?

Pais: “Até um ano e três meses ele já apresentava algumas características que nós não sabíamos que era do autismo, como por exemplo: não gostava de ficar dentro da sala de aula com muitas crianças, não olhava nos olhos, não atendia quando era chamado, e tinha alguns movimentos repetitivos que não sabíamos que também fazia parte do autismo.”

c) Quando foi diagnosticado com autismo?

“Com um ano e sete meses depois de muita pesquisa da família e escola eu tive a certeza, mas, com dois anos ele foi levado ao neurologista e tivemos o diagnóstico, que ele possui um grau severo de autismo.”

d) Precisa usar alguma medicação?

“Sim, faz quatro anos que ele toma medicação para dormir, e toma também uma medicação para a concentração.”

e) A partir de que idade começou a frequentar a escola?

“Desde os 05 meses de idade”

f) Em sua opinião, a escola tem contribuído para o desenvolvimento de seu filho? Comente o que você viu de mudanças a partir da sua ida à escola?

“Em minha opinião, depende muito da escola e dos professores, pois, até os 2 anos ele teve uma ótima professora, porém depois de diagnosticado com autismo, ele passou a ter professores que ao invés de inclui-lo, o excluía das atividades, e como ele gostava de ver televisão, elas apenas o deixavam na frente da televisão enquanto as outras crianças realizavam as atividades.

Porém, a partir dos quatro anos, ele mudou-se de escola e teve uma grande melhoria em seu desenvolvimento, e mudou muito, tanto na socialização, pois antes ele não suportava crianças perto dele, passou a sentar-se junto com os demais colegas, como também em sua

comunicação, pois mesmo sem falar, passou a aprender a se comunicar com as professoras, mostrando ou apontando quando queria algo. “Eu vejo que a escola tem contribuído não somente na socialização, mas também no aprendizado, percebi que ele aprendeu a diferenciar cores e formas.”

g) Seu filho gosta de ouvir histórias? Interage quando você conta histórias para ele? Ouve-as até o final?

“Ele não tem muita paciência para ficar parado escutando ou vendo as figuras, porém, já vi algumas vezes a professora contar histórias dentro da sala e ele prestando atenção, porém em casa, já tentei, mas não é sempre que ele se concentra para escutar, ao menos, que tenha imagens, desenhos, algo que o chame atenção.”

h) Considera que contar histórias ajuda na socialização com seu filho?

“Sim, pois ele começa a entender melhor as coisas ao seu redor, fazendo assim com que ele se desenvolva e socialize de uma maneira mais positiva”.

Com as primeiras perguntas respondidas pelos pais, foi possível perceber que a criança frequenta a escola desde muito cedo, a partir dos cinco meses. Segundo relato, família e escola começaram a perceber que se tratava de uma criança com características diferentes com um ano e três meses, mas só a partir dos dois anos recebeu o diagnóstico de autismo. Os pais perceberam que o filho tinha dificuldade de brincar com outras crianças, comunicava-se pouco, não atendia quando era chamado pelo nome, fazia movimentos repetitivos, enfim começou a apresentar as características do autismo. O autismo pode ser definido como:

Um transtorno do espectro do autismo (inclusive síndrome de Asperger) é uma inabilidade comportamental que perdura por toda a vida e afeta a maneira como a pessoa se comunica e se relaciona com outras pessoas. Também afeta sua maneira de entender o mundo ao seu redor. Trata-se de uma condição de um espectro. Isso significa o seguinte: embora todas as pessoas com autismo tenham certas dificuldades em comum, sua condição vai afetá-las de maneiras diferentes. (CADERNOS PANDORGA DE AUTISMO, 2014, p. 1).

O primeiro passo é a família buscar o diagnóstico junto a médicos e aceitar a condição do filho para então construir junto à escola as melhores estratégias que possam possibilitar o desenvolvimento da criança. É de tamanha importância a participação da família juntamente com a escola para que a criança consiga se desenvolver de uma maneira mais positiva.

Segundo o relato dos pais, tomadas as primeiras providências, a criança passou a ser medicada e a escola foi informada de todos os procedimentos, acompanhando os pais.

No relato dos pais, duas respostas são significativas para a nossa pesquisa: os itens g e h que têm uma relação com a questão que norteia essa pesquisa, que é confirmar ou não se a contação de histórias auxilia no desenvolvimento da criança com autismo.

Conforme relatado pelos pais, o filho não tem muita ‘paciência’ para ouvir histórias. Prefere atividades que tenham relação com o movimento, principalmente quando são os pais que contam a história. Relata também que já viu o filho interagindo com as histórias na sala de aula. Parece, então, que a forma como a contação de história é realizada interfere no quesito prestar atenção ou não em que está sendo narrado. Apesar da resposta do item g apontar inicialmente para uma não interação, na sequência afirmam que o recurso didático auxilia no desenvolvimento do filho e, portanto, a mesma pode ser uma forma de desenvolver linguagem e sociabilidade.

Se a criança com TEA entende o mundo ao seu redor de uma maneira diferente, a contação de histórias pode ajudá-la a entender o seu mundo, chamar sua atenção e aproximá-la desse mundo imaginário. As histórias são ótimas ferramentas de trabalho quando pensamos em formar leitores, pois vários aspectos contribuem para esse despertar para o mundo da leitura e da escrita, como, por exemplo, o fato de haver uma grande variedade de temáticas a serem exploradas, abrindo um leque de opções para o professor chamar a atenção da criança de acordo com seus interesses, criando empatia com os estudantes e podendo focar, por meio delas, os mais variados aspectos educacionais. (OLIVEIRA et al,2017, p.584).

A entrevista com os pais mostrou-se relevante para este estudo, pois nos possibilitou a compreensão de como a família acompanha o desenvolvimento da criança e avalia o contexto escolar.

Na sequência, apresentamos a entrevista realizada com as docentes que acompanharam/acompanham a criança em 2018 e 2019. Em 2018, a criança fez o pré-escolar e em 2019 está no período de alfabetização.

As respostas estão organizadas em quadros, sendo que a professora A corresponde à de 2018, a professora B é a alfabetizadora (2019) e a C é a professora auxiliar.

Quadro 1-De que forma você encarou o desafio de ter uma criança autista em sua turma de pré-escola?

Professor A	“Bom, a partir do momento em que você recebe a notícia que terá uma criança especial em sala de aula, você acaba tendo um pouco de receio, pois não sabemos como é a criança, como é sua rotina, e tudo que é novo acaba nos deixando assim. Mas, eu já havia trabalhado com crianças autistas, só que no ensino regular foi a primeira vez, então podemos dizer que no início tive um pouco de “medo”, mas aos poucos o tempo foi passando e percebi o quão maravilhoso é ter um autista em sala de aula.”
Professor B	“No início do ano estava ansiosa, e também preocupada em como seria trabalhar com uma criança autista. Mas desde o início encarei com otimismo e determinação.”

Professor C	“Eu aceitei encarar o desafio de trabalhar com esse aluno autista, pois sempre me interessei pela educação especial, e mesmo sendo a primeira experiência com autismo, encarei com determinação, amor e carinho.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Como foi citado pelas três professoras, receber um aluno com autismo em sala de aula sempre é um desafio e pode causar certa insegurança e preocupação com relação a como lidar com este aluno. Porém podemos perceber que foi um desafio aceito e cumprido com êxito por ambas as entrevistadas.

Receber um aluno especial em sala de aula pode causar certo receio aos professores, alguns por não saberem o que os espera, ou por lidar com o autista ou até mesmo por falta de recursos para que o trabalho seja realizado.

A escolarização do aluno com autismo é desafiadora, especialmente pelos comprometimentos mais comuns nesta população: na área da interação social e comunicação, deste modo, é relevante salientar que os apoios na oferta de serviços complementares são prioritários para contribuir com o trabalho professora do ensino comum. (RABELO; SANTOS, 2011, p. 1922).

Quadro 2- Que avanços foram observados ao longo do ano com a criança?

Professor A	“Os avanços que percebi foi que ele foi ficando mais tranquilo no decorrer do ano, socializando e interagindo mais com os colegas, sendo que no início ele só queria brincar sozinho e aos poucos já brincava com as demais crianças.”
Professor B	“Durante o ano pudemos perceber avanços bem significativos, em relacionamento, interação, participação e na realização das atividades, sempre com ajuda da professora auxiliar.”
Professor C	“Tem vários pontos, mas o que mais chamou atenção foi à relação dele com os demais colegas, a socialização e interação em sala.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Ao perguntar quais avanços foram observados ao longo do ano com esta criança, as respostas das três entrevistadas foram, na maioria, ligadas ao seu comportamento. A Professora A cita que no início o aluno não interagia ou brincava com os colegas, mas que no decorrer do

ano passou a socializar com as demais crianças. Já a Professora B, que é a professora atual, relata que observou avanços significativos não somente em seu relacionamento com os colegas, mas sim, no seu desempenho na realização das atividades propostas.

Ou seja, percebemos que o avanço principal nestes dois anos com este aluno foi sua melhoria em seus relacionamentos, sua socialização e interação com os alunos e professores.

A oportunidade de interação com pares é a base para o seu desenvolvimento, como para o de qualquer outra criança. Desse modo, acredita-se que a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças. (CAMARGO; BOSA, 2009, p. 68).

Os avanços de alunos com autismo são gratificantes para os docentes que estão atuando com estes alunos e são formas de incluí-los no meio social, preparando-os para o exercício da convivência e para, mais tarde, exercer a cidadania a que têm direito.

Quadro 3- Havia professor auxiliar de turma? Se sim, como desempenhou suas funções?

Professor A	“Havia sim, e minha auxiliar sempre foi muito dedicada, procurando sempre maneiras de incluí-lo nas atividades que estavam sendo realizadas dentro e fora de sala de aula, mas sempre respeitando seu tempo.”
Professor B	“Sim, e a professora auxiliar sempre desempenhou suas funções muito bem, fazendo sempre atividades diferenciadas, com material concreto de acordo com o que está sendo trabalhado, sempre procurando formas para que o aluno aprenda e se desenvolva”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Juntamente com as duas professoras haviam professor auxiliar em sala de aula e ambas relatam que estas realizaram de maneira positiva o seu trabalho. A Professora A conta que a auxiliar buscava sempre formas de incluí-lo nas atividades propostas. E a Professora B relata que a auxiliar prepara atividades diferenciadas, com materiais concretos, também, sempre buscando formas para que o aluno possa aprender e se desenvolver de maneira positiva.

É de tamanha importância que haja um professor auxiliar na turma para que possa acompanhar juntamente com a professora o desenvolvimento do aluno autista, tanto em seu relacionamento com professores e colegas, como em seu desempenho nas atividades realizadas.

O professor, em relação com o aluno, conduz a apreensão dos significados tomados, como também dos conceitos elaborados, além de fazer uso de instrumentos e da

própria linguagem em seu processo de ensino e aprendizagem, tornando o conhecimento mais acessível. Ela atua como um agente de mediações entre o contato do seu aluno e a cultura que é desenvolvida na relação com os outros, proporcionando aquisição de conhecimentos a partir de circunstâncias diversas que geram a compreensão significativa. (ORRÚ, 2012, p.98).

Quadro 4- Que atividades pedagógicas foram desenvolvidas com esta criança?

Professor A	“Eram realizados jogos, brincadeiras, trabalhando em cima do nome da criança, cores e formas.”
Professor B	“As atividades são as mesmas aplicadas com a turma, como leitura, escrita, porém, sempre utilizando materiais de apoio como o alfabeto móvel, imagens relacionando letras e números, no caderno de leitura é utilizado imagens e palavras, e em matemática se utiliza a contagem de números com tampinhas e palitos. Ele realiza todas as atividades, reconhece as letras do nome, e dos objetos relacionando-as com as imagens. Ele ainda não desenvolveu a fala, mas realiza todas as atividades que são propostas.”
Professor C	“São utilizadas várias atividades com materiais adaptados, onde se trabalha as letras, cores e formas, utilizando na maioria das vezes imagens para que ele consiga relacionar.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

As atividades pedagógicas realizadas com a criança se diferenciam entre a resposta das professoras A e B, sendo que a professora A cita que eram realizados jogos, brincadeiras, atividades do nome da criança, ou seja, atividades mais voltadas para a Educação Infantil. Já as professoras B e C relatam que são utilizados materiais adaptados e imagens, trabalhando letras e números e, desta forma, ele já reconhece as letras do seu nome e realiza a contagem dos números com os materiais utilizados como: tampinhas e palitos.

Percebemos que as professoras B e C, as quais são as atuais professoras do aluno, procuram buscar atividades que façam com que ele aprenda as letras e números, fatores essenciais para a alfabetização.

Para um trabalho adequado, o professor precisa sempre buscar e manter contato visual com o aluno com autismo, estimulando a comunicação, mediando brincadeiras entre os alunos, utilizando uma linguagem simples e clara, bem como usufruindo de recursos como computadores, músicas e livros, observando o interesse da criança. Esses recursos facilitam a aprendizagem. (BARBERINI, 2016, p. 47).

Quando os professores buscam maneiras para incluir os alunos nas atividades, ou buscam atividades adaptadas, respeitando seus limites, o desenvolvimento da criança ocorre de maneira positiva.

Quadro 5- A Contação de Histórias favorece a interação da criança com a professora e com os demais colegas?

Professor A	“Sim, eu particularmente gosto bastante da contação de histórias, e por isso era com frequência contada dentro de sala de aula. Eu acredito que a contação de história ajuda muito na integração com a criança, tanto com os demais colegas e professores, como também nos demais conteúdos que podemos trabalhar por meio de histórias.”
Professor B	“Sim, no início ele não ficava tão concentrado para ouvir. Mas atualmente ele gosta muito de ouvir histórias e presta atenção no que está sendo contado, quando são utilizados livros de histórias ele passa a mão no livro e observa as figuras, mostrando para a professora quais são os personagens da história contada quando se é perguntado.”
Professor C	“Sim, bastante. Ele adora ouvir histórias inclusive quando são os colegas que estão contando, presta bastante atenção.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Ao perguntar se a contação de histórias favorece a interação da criança com professores e demais colegas, que é o objetivo de nosso estudo, a professora A cita que utiliza a contação de histórias frequentemente em suas aulas e que acredita que contar histórias auxilia na interação da criança com autismo com os demais colegas e professores.

A professora B relata que no início ele não tinha concentração para ouvir histórias, mas que atualmente gosta muito de histórias, presta atenção no que está sendo contado e reconhece os personagens, quando é perguntado. A professora C, também cita que ele adora ouvir histórias e presta atenção, principalmente quando os colegas estão contando. Ou seja, constatamos que a contação de histórias é algo que chama a atenção deste aluno e que favorece a interação dele com seus colegas.

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (BERNADINO; SOUZA, 2011, p.237).

Quadro 6- Com que frequência era utilizada a contação de história na classe?

Professor A	“Semanalmente, uma ou duas vezes na semana”.
Professor B	“No início do ano eram todos os dias, depois passou a ser semanalmente e agora voltamos a contar histórias todos os dias, pois, acredito que seja de extrema importância para o desenvolvimento das crianças.”
Professor C	“Semanalmente, e têm semanas que são contadas praticamente todos os dias.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Sabendo da importância da contação de histórias para o desenvolvimento dos alunos, ambas as professoras citaram que na maioria das vezes as contações são realizadas semanalmente e, algumas vezes, todos os dias.

A criança busca na leitura e histórias, acima de tudo, o prazer, mas busca também respostas para suas inúmeras indagações sobre a vida e os seres humanos, a vivência de emoções novas e gratificantes e sugestões alternativas para as suas inquietações diante da vida que se descortina à sua frente. (FRANTZ, 2011, p. 59).

A contação de história ajuda a estimular a imaginação e criatividade das crianças, além de proporcionar momentos de interação com os demais colegas e professores. Portanto, é de tamanha importância que ela esteja presente em sala de aula.

Quadro 7 -De que forma são contadas as histórias? Dramatizadas? Apenas lidas?

Professor A	“Na maioria das vezes eram lidas, mas algumas vezes também foram realizadas dramatizações”
Professor B	“Algumas apenas lidas, e algumas dramatizadas tanto pelas professoras como também pelos alunos em forma de teatro.”

Professor C	“Algumas dramatizadas, mas na maioria das vezes apenas lidas.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A maneira com que as histórias são contadas pode interferir no interesse da criança autista durante a contação, pois, se é realizada por meio de dramatizações, tem uma maior chance deste aluno se interessar mais, pelo fato de lhe chamar atenção. Mas, as histórias contadas ou lidas, utilizando livros com figuras, também são de grande valia neste processo.

Para que a Contação de histórias tenha um resultado significativo, é de tamanha importância que “métodos pedagógicos sejam utilizados para contar as histórias, às vezes será preciso algum esforço, como preparar fantoches, cenários, ter paciência para que a criança faça as suas próprias peças, mas o resultado valerá à pena”. (DOHME, 2013, p.15)

É importante saber que quanto mais contar histórias em sala de aula, mais o aluno irá se interessar.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. (BERNADINO; SOUZA, 2011, p.240).

Quadro 8- Você observou uma maior interação da criança autista durante o processo de contação de histórias?

Professor A	“No início ele nem parava para ouvir, depois, no decorrer do tempo ele algumas prestava atenção, porém, não por muito tempo, dependia muito da forma com que estava sendo contada a história.”
Professor B	“Sim, ele fica atento ouvindo as histórias, prestando atenção nas mudanças de entonação de voz dos personagens, e gosta bastante. Inclusive, um exemplo foi o teatro realizado essa semana de uma história infantil, onde ele participou do teatro com os demais alunos, interpretando um personagem da história. Para nós, esse foi um grande avanço e percebemos que a contação de histórias pode ajudar no desenvolvimento e interação do aluno com a turma.”

Professor C	“Sim, ele fica atento a todas as histórias que são contadas em sala de aula.
-------------	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Com essa questão, obtivemos uma resposta significativa para nosso estudo, sendo que a professora A relata que no início deste processo de contar histórias, o aluno nem sequer parava para ouvir, mas que no decorrer do tempo, em algumas situações, ele prestava atenção, mas não por muito tempo, isso dependia muito da forma com que era contada.

Já as professoras B e C citam que atualmente ele gosta muito de ouvir histórias e que inclusive participa das atividades em sala de aula que envolva história como, por exemplo, um teatro que foi realizado em sala de aula pelos alunos, do qual ele participou juntamente com os colegas, citou a professora B.

Com isso, percebemos que a Contação de Histórias pode sim ser mediadora do processo de interação do aluno, tendo em vista que este aluno veio a se desenvolver e, atualmente, realiza atividades práticas que envolvem história, ao mesmo tempo, em que socializa com os demais colegas e professores durante este processo.

Ao utiliza-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade. (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.07).

Quadro 9- É um desafio incluir crianças autistas no ensino regular? Por quê?

Professor A	“Sim, depende também do grau de deficiência de cada aluno, mas para mim é sim um desafio, pois, alguns não conseguem se desenvolver e, muitas vezes, nós professoras do ensino regular não temos recursos nem o preparo necessário para recebê-los, acredito que a solução seja sempre buscar formas para tentar incluí-lo.”
Professor B	“Sim, é um desafio, pois a preocupação sempre será maior, em buscar atividades diferenciadas para fazer com que ele esteja realmente incluído em sala de aula e também para que ele possa se desenvolver cada vez mais. Pois, ele nem sempre consegue realizar a mesma atividade dos outros alunos, mas, cabe a nós procurar maneiras que ele consiga realizar.”

Professor C	“Sim, todo dia é um novo desafio quando se trata de inclusão, mas ao mesmo tempo é muito gratificante a cada avanço do aluno.”
-------------	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Incluir uma criança especial em sala de aula é sempre desafiador e com autista não é diferente, as respostas de ambas as professoras afirmam isso. A professora A justifica sua resposta citando que professores do ensino regular nem sempre possui os recursos e preparo necessários para receber estes alunos. A professora B relata que o maior desafio é buscar atividades que façam com que este aluno aprenda e se desenvolva cada vez mais. Para a professora A cabe também aos professores buscarem maneiras e atividades que possam favorecer para inclusão e desenvolvimento desse aluno.

Como o ambiente escolar é lugar de formação de indivíduos para a vida, não se deve esquecer que crianças especiais e, também, aquelas que possuem certos déficits de aprendizagem, como os alunos de salas de recursos, também necessitam de uma metodologia que lhe seja capaz de transmitir conhecimentos, pois, como estão em um ambiente diverso, cabe ao professor ser o mediador de um conteúdo propício a todos. (PELIN, 2013, p.23).

A Inclusão escolar é um direito que alunos com deficiências têm de frequentar a escola regular juntamente com os demais alunos, mas, sabemos que incluir não significa apenas inserir o aluno em sala de aula.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. (CHIOTE, 2013, p.21).

Quadro 10- Esta criança já iniciou a apropriação da escrita e da leitura?

Professor B	“Ainda não, na sala de aula é estimulado bastante a escrita e já pudemos perceber um avanço no reconhecimento das palavras e associações, mas a leitura se torna mais difícil pelo fato dele ainda não ter desenvolvido a fala.”
Professor C	“Ainda não, ele já relaciona letras, faz associações, mas ainda não consegue realizar a escrita sozinho, e a leitura também não, pois ele ainda não desenvolveu a fala.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Conforme citam as Professoras B e C, o aluno já se desenvolveu muito desde o início do ano, pois, já reconhece letras, faz associações, porém ainda não iniciou a apropriação da leitura e da escrita. Como ele ainda não desenvolveu a fala, o processo de apropriação de leitura se torna mais difícil.

Para ajudar os alunos com TEA, na aprendizagem da leitura e da escrita, também se pode recorrer a suportes visuais, tais como: imagens, mapas, ou palavras escritas para facilitar a aprendizagem de conceitos abstratos. (SILVA, 2012).

No processo de leitura e escrita para o aluno especial é importante a utilização de materiais adaptados e métodos para que ele, mesmo com suas limitações, consiga se desenvolver. Assim como as professoras citaram, as mesmas utilizam imagens e figuras para o ensino da leitura e escrita a este aluno.

O que podemos constatar é que as práticas pedagógicas estão sendo estruturadas de forma aleatória pelos professores de ensino regular, na tentativa de escolarizar alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula, levando-se em conta a inclusão. Na verdade, os professores se consideram despreparados para trabalhar em uma sala de aula inclusiva, pois não recebem treinamento específico para lidar com alunos com necessidades educacionais especiais, conforme afirma Marques (2011). No entanto, Zanellato e Poker (2012) afirmam que, para preparar os professores para que tenham condições de atender e garantir uma educação de qualidade aos alunos com deficiência e ter acesso ao currículo, exige rever antigas práticas e estar disposto a acolher novos saberes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias como mediadora no processo de interação da criança autista foi nosso objeto de estudo nesta pesquisa. O objetivo geral foi o de investigar como a contação de histórias pode ser uma ferramenta na inclusão do aluno autista, desdobrando-se nos objetivos específicos que buscaram definição de inclusão e autismo, analisando as interações proporcionadas pela contação de histórias na criança autista e compreendendo os processos de interação que podem ser desenvolvidos com crianças autistas.

Desenvolvido o referencial teórico que deu suporte à pesquisa, foi realizada a pesquisa por meio de uma entrevista estruturada com docentes que atuaram e atuam diretamente

com um aluno autista no ensino regular, durante 2018 e 2019 e realizada também com os pais do aluno.

Os dados obtidos pela realização da pesquisa pôde nos trazer contribuições relevantes para nosso estudo.

Após a pesquisa com os pais, pudemos perceber o desenvolvimento do aluno a partir de sua inclusão na escola. Relataram a melhora de seu comportamento e socialização. A pesquisa mostrou uma família que procura acompanhar o desenvolvimento do filho e busca cooperar com a escola. O primeiro ponto para uma experiência escolar proveitosa ao aluno autista é a adaptação escolar. Levar uma criança ou adolescente com autismo para a escola não é fácil. O processo de adaptação pede que os pais estudem profundamente os problemas que afetam as crianças, como os comportamentos mais difíceis, os maiores déficits de desenvolvimento, quais as restrições que a escola tem com o autista, entre outros. É muito importante, com qualquer estudante, a participação da família na escola. Com alunos autistas torna-se essencial essa parceria.

A pesquisa com as docentes nos mostrou o quanto o aluno se desenvolveu durante estes dois anos. E, também, nos mostrou que realmente a contação de histórias pode sim ser mediadora do processo de interação, tendo em vista que por meio de histórias, ele está se socializando e interagindo com os demais colegas cada vez mais.

Diante das respostas, percebemos que a socialização deste aluno está melhorando a cada dia e que sua concentração e atenção também, assim como, nas contações de histórias, pois antes as mesmas relataram que este não conseguia ficar concentrado para ouvir histórias, mas que com o tempo isto foi mudando e atualmente, o mesmo adora ouvir histórias e, até mesmo, interage com os alunos durante as contações e atividades realizadas por meio de histórias.

Para que a inclusão ocorra de fato, faz-se necessário que ocorram mudanças dentro do sistema de ensino juntamente com o envolvimento de toda a sociedade. A colaboração, a liderança compartilhada e o apoio curricular são alguns dos elementos essenciais para a implementação deste processo. Também é preciso que haja a participação de todos: professores, alunos, família e comunidade escolar. Nossa pesquisa foi de grande valia para nosso estudo e nossos objetivos foram alcançados.

Por fim, salientamos que o objeto de pesquisa é bastante complexo e merece muitas outras reflexões, pois a inclusão é um ato político que demanda de políticas educacionais cuja centralidade seja o ser humano em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- AUTISMO: um guia para a equipe escolar. **Cadernos Pandorga de Autismo**. Volume 5; 2014. São Leopoldo: Associação Mantenedora Pandorga.
- BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.
- BRASIL. Lei nº13.146/2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em 05 de maio de 2019.
- BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Unioeste – Campus de Cascavel. Vol. 6 nº 12 jul./dez. 2011.
- CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade, vol. 21, núm. 1, Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais, 2009, Brasil.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil: Trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro. Editora Wak, 2013.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias, 2: um guia para os adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FILHO, José Nicolau Filho. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora. Melhoramentos, 2009.
- KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 28. Maio de 2006.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Maio de 2019.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LIPPI, Elisiane Andréia; FINK, Alessandra Tiburski. **A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas.** Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI. Vol.8, N.14: p.20-31, Maio/2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).

MARQUES, Simone de Cassia Moura. **O processo de inclusão e as dificuldades do professor na sua aplicabilidade em sala de aula.** 2011, 50 p. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília – UnB.

MATTOS, Laura Kemp; NUERNBERG, Adriano Henrique. **Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil.** Rev. Educ. Espec. Santa Maria, v. 24, n. 39. jan./abr. 2011.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo. **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** Revista Educação Especial. v. 26. n. 47. p. 557-572. Santa Maria, 2013.

OLIVEIRA, Daiane Waechter; MELLO, Camila Efthymiatos Alvarez; SOARES, Mariana Santos; TOIGO, Renata. **O fantástico mundo do era uma vez: a importância da contação de histórias para a formação do leitor com transtorno do espectro autista.** 1º Seminário de luso-brasileiro da Educação Inclusiva: o Ensino e a aprendizagem em discussão. Porto Alegre, RS. 2017.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3 ed. Rio de Janeiro. Editora Wak, 2012.

PELIN, L. **Estratégias para a inclusão de alunos com Transtorno do espectro autista.** Medianeira: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, 2013. Monografia.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante; SANTOS, Rafaela Tognetti. **Ensino colaborativo e a inclusão do aluno com autismo na educação infantil.** Universidade Federal de São Carlos, 2011).

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação.** Palhoça: ed. Unisul, 2015.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2011.

SCHMIDT, Carlo (org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas, SP. Editora Papyrus, 2013.

SERRA, Dayse Carla Genero; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos.** Programa de Pós-graduação em Educação. Mestrado. Educação Especial. Universidade do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo.** Fontanar, 2012.

SILVA, Aline Maira. **Educação Especial e Inclusão Escolar: história e fundamentos.** Curitiba: Ibpx, 2012.

TAMANHAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.** Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – RevSocBrasFonoaudiol. 2008. São Paulo, Brasil.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação.** Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008.

ZANELLATO, Daniella; POKER, Rosimar Bortolini. **Formação continuada de professores na educação inclusiva: a motivação em questão.** *Revista Ibero-Americana de estudos em educação*, São Paulo, v. 7, no 1, p. 147-158, 2012.